

ETNICIDADE E RITUALIZAÇÃO NA FESTA DA OSTRÁ: NARRATIVA FOTOETNOGRÁFICA

Carlos Caroso e Fátima Tavares

REINVENTANDO, RECRIANDO, FAZENDO E ATUALIZANDO A FESTA

Mais do que “expressar” a cultura quilombola, a Festa da Ostra¹ é uma festa em movimento, contribuindo intensamente para a criação, recriação e atualização dos modos de fazer e viver em quilombos. Como sugerem Bassi e Tavares (2017), a Festa da Ostra pode ser compreendida tanto a partir do conceito de “invenção da tradição” (Hobsbawm; Ranger, 1997), quanto a partir das contribuições de Wagner (2010) sobre inventividade inerente aos processos de simbolização da cultura, tal como argumentamos em artigo de nossa coautoria recentemente publicado na revista *Antropolítica* (Tavares; Caroso, 2023). Parece-nos, assim, que as lutas e os processos organizativos

¹ A partir do ano de 2024 a festa foi redenominada Festival Cultural e Gastronômico da Ostra. Ver: <https://www.instagram.com/festadaostraoficial/>.

dessas comunidades não se encontram confinadas aos espaços tradicionais e/ou “legítimos” de ação coletiva, como no Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape², instância que reúne várias comunidades do município, e nas associações de cada comunidade, nas articulações para eleição de lideranças nas câmaras legislativas, nas colônias de pescadores e no Conselho da Resex Marinha da Baía do Iguape, ambiente no qual estão situadas algumas comunidades. As transformações das “vontades” dos sujeitos coletivos em demandas para políticas públicas também se espriam nas dimensões performáticas das festas, entre outras experiências de sociabilidade, no sentido que é atribuído por Langdon (2006) e Alvarez (2018), entre outros autores. A cuidadosa percepção dessas conexões nos ajuda a entender o processo de luta pelos direitos quilombolas gestados nas sucessivas edições daquele evento, bem como a realização dos encontros de lideranças quilombolas do território de identidade do Recôncavo da Bahia que, desde o ano de 2015, passou a integrar a programação do evento.

Uma iniciativa que contribui intensamente para a ativação da ancestralidade no florescimento da cultura quilombola é a denominada “Rota da Liberdade”. Voltada para a promoção do turismo étnico de base comunitária, a rota vem a constituir uma visibilização autocontrolada de algumas daquelas comunidades por meio da visita a lugares e exemplares do patrimônio cultural, das atividades produtivas, da contação de histórias por parte de griôs de eventos de variados tipos³. Entre todos os eventos, merece especial destaque a Festa da Ostra, na condição de uma manifestação que atrai ampla visibilidade para a região e sua população etnicamente diferenciada, sendo intensa e crescentemente divulgada por vários meios de comunicação.

2 O conselho foi fundado em 2005 e, atualmente, é integrado pelas comunidades quilombolas, denominadas Kaonge, Kalembá, Kaimbongo, Kalolé, Dendê, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Imbiara, Tombo/Palmeira, Engenho da Vitória, Tabuleiro da Vitória, Terra Vermelha, Engenho Novo, Engenho da Cruz, Brejo da Guaíba, Mutexo e Acutinga. A organização das comunidades em torno das lutas por direitos teve início na década de 1990, vindo a fortalecer-se a partir do início dos anos de 2000 com a revitalização cultural promovida pelo Centro de Educação e Cultura Vale do Iguape (CECVI) e sua fundação no referido ano.

3 Entre outros eventos, merecem destaque a Esmola Cantada e Louvores a São Roque, que ocorre no quilombo Engenho da Ponte em janeiro e fevereiro de cada ano; e a Festa de Nossa Senhora do Bom Parto no Engenho da Ponte, que ocorre nos dias 1º e 2 do mês de janeiro. Sobre a primeira, disponibilizamos videoetnografia na TV ObservaBala, ver: https://www.youtube.com/channel/UCIzHVsbXVAd6ua_pklubxsQ/playlists.

Do ponto de vista da economia, é importante notar que, naqueles territórios, articulam-se núcleos de produção comunitária responsáveis por muitos produtos típicos da região. Destaca-se o Banco Solidário Quilombola do Iguape, com a moeda social denominada “Sururu”, que contribui para circulação de valores na economia local e concede empréstimos a baixo custo⁴; de iniciativas voltadas para a sustentabilidade socioambiental – especialmente no contexto da citada Resex; de tradições culturais; de festivais de grande importância no calendário regional e local; de iniciativas educativas; além de projetos e parcerias com Organizações Não Governamentais (ONGs) nacionais e estrangeiras, universidades e organizações de diversos tipos, em busca de fortalecimento da cidadania na luta por políticas públicas inclusivas.

A primeira edição da Festa da Ostra se deu no ano de 2009; a partir de então, tornou-se um evento anual ininterrupto no quilombo Kaonge. O evento manifesta, de forma ímpar, a presentificação da cultura quilombola do Recôncavo baiano, por meio da inventividade e criatividade inerente aos processos de simbolização e reatualização da cultura.

A festa em questão remete a diferentes modos de atuação dos símbolos da cultura popular, reinterpretados como parte do patrimônio quilombola (Tavares *et al.*, 2019a). Condensa-se modalidades comunicacionais tradicionais, assim como faz intenso uso de meios de comunicação contemporâneos, buscando-se, eventualmente, a colaboração de mediadores do turismo, agências, agentes e guias, com vistas a captar e receber visitantes nacionais e estrangeiros. Todavia, esse uso da mídia não torna menos importante o apego às expressões da cultura oral tradicional pelos mais velhos das comunidades, que durante o evento promovem “rodas de conversa” temáticas na abertura da festa, nas oficinas e em momentos pontuais. As “rodas”, lideradas pelos mestres griôs, reconduzem, como uma força centrípeta, a festa no interior da comunidade, uma vez que reforçam uma sociabilidade comunitária e o sentimento de pertencimento à um território ancestral.

A dinâmica da Festa da Ostra varia e se renova ao longo de suas edições anuais, mas se estrutura a partir das atividades várias, a exemplo de: a) venda de produtos da cultura quilombola local, como mel de abelha; farinha,

4 Trata-se do primeiro Banco Social Quilombola do país, que se encontra em funcionamento desde o ano de 2010.

beijus e farinha de tapioca e outros produtos de mandioca; azeite de dendê; doces e licores de frutas de produção regional; artesanato em fibras, palhas, barro e tecidos; raízes, folhas e frutos de plantas medicinais, assim como xaropes elaborados por terapeutas locais – a partir de fórmulas compartilhadas ou mantidas em sigilo por aqueles que foram “escolhidos” para recebê-las por parte de entidades espirituais –, entre outras atividades que são incorporadas a cada ano, contribuindo para o fortalecimento dos núcleos de produção quilombolas – núcleos com foco na sustentabilidade e economia solidária, com respeito à ancestralidade, tradições, valores e à natureza; b) oficinas variadas – atividades locais, cuidados pessoais, moda estética afro etc.; c) atividades gastronômicas: arte culinária e oficinas de comidas típicas, degustação de ostras preparadas de diferentes formas e outras iguarias; d) atividades culturais e performáticas – roda de capoeira, grupos de samba de roda, dança afro, *shows* de reggae, apresentação de grupos culturais, desfile com indumentária afro etc.; lúdicas – performances corporais, desfiles, danças, brincadeiras infantis e leilões etc. É importante lembrar a agenda de reivindicação das demandas quilombolas junto a políticos municipais e estaduais e gestores estaduais, cuja formulação antecede ao início oficial da festa e tem sua apresentação pública com a presença de participantes acadêmicos, políticos e gestores municipais e estaduais na manhã do dia de seu início.

As atividades que ocorrem ao longo da festa são tomadas como expressões de uma identidade quilombola, pois a culinária, as práticas artesanais, os produtos da economia solidária, e as várias performances ritualístico-religiosa e culturais são trazidas no “palco” do evento como expressões de uma cultura negra local. Assim, esta apresenta uma dinâmica “moderna” enquanto festival gastronômico, comercial e artístico, cuja força autoritativa decorre da tradição ritualística afro-brasileira presente na região, fomentando a continuidade cultural marcada pela ancestralidade.

Os principais responsáveis pela organização da festa são os membros do núcleo dos cultivadores de ostras – atualmente abrangendo 65 famílias –, localizado no quilombo Dendê, um dos núcleos produtivos organizados no conselho quilombola, em articulação com o núcleo de turismo étnico de base comunitária, contando ainda com a participação de outros núcleos produtivos existentes nas comunidades quilombolas. As atividades dos

núcleos de produção são entendidas inicialmente como atividades de valorização do que já se cultivava tradicionalmente, da conservação e preservação ambiental na área da Resex, e têm a pesca, a mariscagem e a agricultura como principais fontes de renda.

A Festa da Ostra acontece na segunda metade do mês de outubro no quilombo do Kaonge, localizado no distrito de Santiago do Iguape, município de Cachoeira/Bahia. Nesse quilombo, existe uma escola municipal, o terreiro de umbanda, que detém importante referência religiosa das comunidades, uma pequena pousada, um bar e um restaurante, equipamentos que estimulam e permitem permanente afluência ao local de pessoas de outros quilombos de sua vizinhança e de fora da área. O tempo da festa é um momento de retorno, reunião e reencontro de parentes e amigos que residem em cidades como Salvador e outras próximas. Soma-se ao público localizado na região e suas proximidades, uma significativa presença de visitantes de outras partes do país e estrangeiros, atraídos pela festa e captados como resultado do investimento em Turismo de Base Comunitária.

O valor tradicional do trabalho comunitário inerente à festa é enfatizado por Juvani Viana, a mais destacada liderança religiosa do Kaonge, que fundamenta o sucesso do evento ecogastronômico nessa tradição que atravessa tanto a dimensão técnica como a ritualística – a exemplo do preparo do caruru devocional.

O “TEMPO DA FESTA”

A luta das comunidades pela sobrevivência no território apresentou momentos de grande mobilização, como ocorreu nos anos 1980, para evitar a transformação das terras em pastagens para gado e a preservação dos dendezeiros, ameaçados de erradicação após o fechamento da unidade agroindustrial da Opalma, que resultou em desemprego para significativa parcela da população desta área. A produção de óleo de dendê tinha como base extenso plantio desta palmeira exótica⁵, que teve suas sementes

5 *Elaeis guineenses* é originária da Costa Ocidental da África, conhecida como palmeira-de-dendê, coqueiro-de-dendê, dendê, palmeira-de-óleo-africana, aabora, aavora, palma-de-guiné, palma, dendém e palmeira-dendém.

trazidas pelos povos africanos escravizados e foi incorporado ao consumo e às paisagens na Bahia, tendo vários usos culinários e industriais. Seu cultivo para fins comerciais se deu como parte do processo de sucessão agrária na área outrora dedicada, quase exclusivamente, ao plantio de cana-de-açúcar que supria matéria prima aos antigos engenhos de produção de açúcar e outros produtos de consumo mais localizado, a exemplo do melão de cana, rapadura e cachaça, e, posteriormente, às usinas açucareiras.

No início dos anos 2000, as iniciativas pioneiras do Centro de Educação e Cultura Vale do Iguaçu (CECVI) e do conselho quilombola produziram uma transformação nas expressões culturais dessas comunidades, resgatando tradições populares, memórias ancestrais e incrementando novas edições de eventos e atividades. Como parte desta busca de revalorização social, no ano de 2007, foi realizado um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com um grupo de jovens e lideranças quilombolas, com apoio de técnicos de organizações parceiras que visitaram 350 domicílios, realizando 16 reuniões comunitárias, entrevistando 498 pessoas envolvidas com agricultura familiar quilombola. Entre outros resultados obtidos, foi identificado que as atividades extrativas de mariscagem e a coleta do abandonado plantio de dendê para beneficiar em azeite comestível se encontravam entre os principais agentes de agregação de algum valor à baixa renda familiar. Ao mesmo tempo, a redução dos moluscos e crustáceos para coleta de subsistência e geração de renda passou a ser suprida e aumentada com a alternativa da criação de ostra em cativeiro, cuja expressão mais visível é a Festa da Ostra (Santos; Jovelino; Silva, 2018).

O evento que ali se iniciava veio a assumir regularidade anual e se consolidar como significativo fator de geração de trabalho especializado e renda constante para os cultivadores de ostras. As festas são organizadas em torno de um título/tema que expressa as preocupações e demandas político-sociais da ocasião, ao mesmo tempo em que destacam a diversidade de atividades que são apresentadas durante a festa. Assim é que a I, a II e a III Festas da Ostra tiveram como título/tema “Trabalho, cultura e cidadania”, enquanto a 4ª edição foi organizada sob o título/tema “Boas práticas para sustentabilidade”.

Ao longo das edições da festa, novas atividades vêm sendo introduzidas, a exemplo do que ocorreu na IV Festa da Ostra (2012), com a “roda de prosa”

sobre boas práticas para a sustentabilidade, além das oficinas e demais atividades. Outras oficinas tiveram lugar à medida que novos projetos estavam em curso, dinamizando os núcleos de produção existentes e estimulando o surgimento, fortalecimento e implantação de outras atividades organizadas sob esse formato.

Tem especial importância a VII Festa da Ostra (2015), que teve como título/tema “Cidadania Quilombola: Sonho de Liberdade”. Nessa ocasião, criou-se a tradição de Encontro de Lideranças de Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Recôncavo, assim como deu início ao ciclo de elaboração de Cartas Quilombolas na qual são apresentadas as reivindicações por parte das comunidades de maneira participativa e coletiva. Vale notar que, a partir de então, a publicização da Carta Quilombola vem sendo fator de grande importância para formulação e desencadeamento de políticas públicas mais ajustadas às características e necessidades das comunidades quilombolas da Bahia por meio de editais específicos (Tavares; Caroso, 2023).

Nos anos e nas festas que se seguiram (2016, VIII; 2017, IX, 2018, X), foi mantida a programação de três dias, como a partir do ano de 2015. O encontro das lideranças ocorre regularmente na sexta-feira anterior à abertura da Festa da Ostra no sábado, tendo como principal resultado na elaboração do referido instrumento de luta política. Na ocasião, são discutidos vários tópicos, seja em pequenos grupos temáticos, ou, como veio a ocorrer mais recentemente, na forma de discussão direcionada entre todos os presentes, que toma como ponto de partida e avaliação do atendimento das demandas apresentadas na carta do ano anterior. A partir dessas discussões e reflexões, é elaborada nova carta, na qual são registrados os novos pleitos das comunidades para o poder público das esferas municipal, estadual e federal, contribuindo, assim, no desencadeamento de políticas públicas para as comunidades quilombolas da Bahia por meio de editais específicos da parte do estado. As cartas se tornaram mais um fator a reforçar a importância da ocasião festiva como um momento de expressivo significado para o fortalecimento das representações identitárias já contidas na ocasião (Tavares; Caroso, 2023).

Como parte da intensa dinâmica e constante renovação, a XI Festa da Ostra (2019) apresentou como título/tema “Guerreiros quilombolas em

sonho de liberdade”, marcando a cerimônia de abertura de uma intensa dramatização sobre a potência transformadora da cultura negra, lançamento de livros, além das atividades de empoderamento político (como em outras edições). Naquela ocasião, teve especial destaque a questão da mulher quilombola, por meio da apresentação do Núcleo das Marias Felipas⁶. A partir da criativa e sempre renovada programação, foram realizadas oficinas de confecção de turbantes, culinária, apetrechos de pesca e cultivo de ostras, todos integrando elementos fundamentais na identidade pública afro-brasileira compartilhada por diferentes povos quilombolas.

No ano de 2020, a XII Festa da Ostra teve como título/tema “Envolver para Desenvolver”, sendo realizada nos dias 30 de outubro e 1º de novembro por meio virtual em razão da pandemia de covid-19. No primeiro dia, ocorreu o 6º Encontro do Núcleo de Desenvolvimento dos Quilombos do Território do Recôncavo para revisão e atualização da Carta Quilombola. No segundo dia, foi realizado um seminário, no qual ocorreram vários diálogos temáticos relacionados ao enfrentamento a covid-19 e questões relacionadas à saúde e medicina tradicional, entre outros de interesse de todos os participantes, incluindo aqueles que participaram à distância, constituindo pesquisadores das universidades, políticos e gestores públicos, como rotineiramente ocorreu em anos anteriores.

No ano de 2021, veio a ocorrer a XIII Festa da Ostra, tendo com um dos principais temas a saúde e o enfrentamento da pandemia. A participação presencial foi limitada a convidados, ocorrendo também participação *on-line* para interessados. Na ocasião, renovou-se a Carta Quilombola e se manteve todo o segundo dia de apresentações e discussões tendo como tema saúde da pessoa. Nessa edição, estiveram presentes praticantes terapêuticos urbanos, vindo de Salvador para participar dos diálogos estabelecidos naquele momento, assim como incluiu a entrega de exemplares do livro *Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas: Cachoeira, Bahia* (Tavares; Caroso; Penaforte, 2019b), que resultou da colaboração e compartilhamento de conhecimentos entre pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

6 Maria Felipa de Oliveira, nascida na Ilha de Itaparica, foi destacada como uma mulher ex-escravizada que se tornou importante liderança e uma das heroínas da Luta da Independência da Bahia.

e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que participam do grupo de pesquisa ObservaBaía, com vários dos praticantes terapêuticos quilombolas presentes na cerimônia.

O ano de 2022 marcou a “retomada” das atividades públicas irrestritas da XIV Festa da Ostra, que ocorreu nos dias 14 e 15 de outubro, sendo, contudo, mantidas as medidas de cuidados sanitários recomendadas para a pandemia que afetou duas edições do evento. As atividades se desenvolveram sob o título/tema “Envolver para desenvolver: um novo modelo de vida é possível”, mantendo muitas daquelas que ocorrem nas edições anteriores, contudo, inovando em várias outras, de modo a buscar novos ganhos e recuperar a popularidade e intensidade do evento tão afetado pela pandemia que teve início no ano de 2020. A avaliação dos ganhos obtidos por intermédio da Carta Quilombola foi feita durante o período da manhã do primeiro dia do evento, seguido das novas propostas e demandas, como sempre feita a leitura pública ao fim dessa primeira etapa do evento. É importante ser destacado que sendo período de eleições estaduais e federais, naquele momento que antecedia o segundo turno do pleito, contou com a presença e participação de agentes políticos mais intensa que em edições anteriores.

Ao longo de mais de quase uma década e meia desde a primeira edição, pode-se constatar que os resultados conquistados são o crescente envolvimento local nas diferentes edições, que vem propiciando o fortalecimento de práticas e saberes quilombolas: práticas artesanais (vestuário, comidas, objetos ornamentais, cultivo de ostra, pesca e mariscagem, plantio de roças, extrativismo etc.); práticas terapêuticas tradicionais (plantas medicinais, xaropes de ervas, benzeduras, rezas etc.); samba de roda e dança “afro”; “rodas de conversa” com mestres griôs que propulsionam o turismo étnico de base comunitária da “Rota da Liberdade”.

O QUE A FESTA FAZ?

Para obter algumas respostas e melhor compreensão para essa questão no contexto da Festa da Ostra, buscamos elaborar uma narrativa imagética/fotoetnográfica (Alvarez, 2018; Caroso; Tavares, 2023; Freeman, 2014;

Godolphim, 1995; Samain, 2012) com uma pequena seleção temática entre as milhares de imagens que resultam de quase uma década desde que iniciamos nossa colaboração com as comunidades quilombolas da Bacia do Iguape e Vale do Paraguaçu. Nosso esforço é de trazer evidências de que a festa visibiliza o patrimônio cultural quilombola para além do território municipal, estendendo as articulações da cultura quilombola pela Bahia, outras regiões do país e para outros países (Caroso; Tavares; Bassi, 2018). Visitantes da festa provenientes de outros municípios e estados têm contato com o patrimônio paisagístico da região, fortemente marcado pelos vestígios das estruturas arquitetônicas e industriais dos engenhos do Brasil colonial, e podem adquirir os produtos da feira solidária, degustar as ostras e demais iguarias, vivenciar as oficinas, ouvir e participar do samba de roda e outras expressões e *performances* rituais e musicais.

A festa dinamiza as já elencadas atividades da economia e da cultura quilombola, assim como acolhe diversos itens produzidos em comunidades quilombolas dos municípios vizinhos de Santo Amaro, Maragogipe, São Felix, Cruz das Almas, Saubara, e de produções comunitárias de outros integrantes de populações tradicionais – a exemplo de marisqueiras, pescadores, rendeiras etc. A festa também propicia articulações para além da cultura quilombola, como ocorreu na edição de 2017, em que lideranças indígenas pataxó dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália vieram participar e conhecer a forma de viver e festejar dessas comunidades, além de compartilhar experiências.

O evento evoca tanto uma tentativa de dar visibilidade às formas de produtividade artesanal – o cultivo da ostra continua sendo praticado segundo as técnicas de pesca artesanal como a “camboa de pau” –, quanto um modelo moderno de festival ecogastronômico. Com a adesão aos critérios e certificações internacionais de sua autenticidade, esses saberes e fazeres se redefinem na esfera da patrimonialização imaterial – o azeite de dendê e a ostra obtiveram a certificação de qualidade superior junto ao movimento Slow Food International. O pagamento pela aquisição de produtos, participação em oficinas e degustação podem ser feitas com a moeda social local, o mencionado Sururu, que tem valor de face e troca equivalente ao do real.

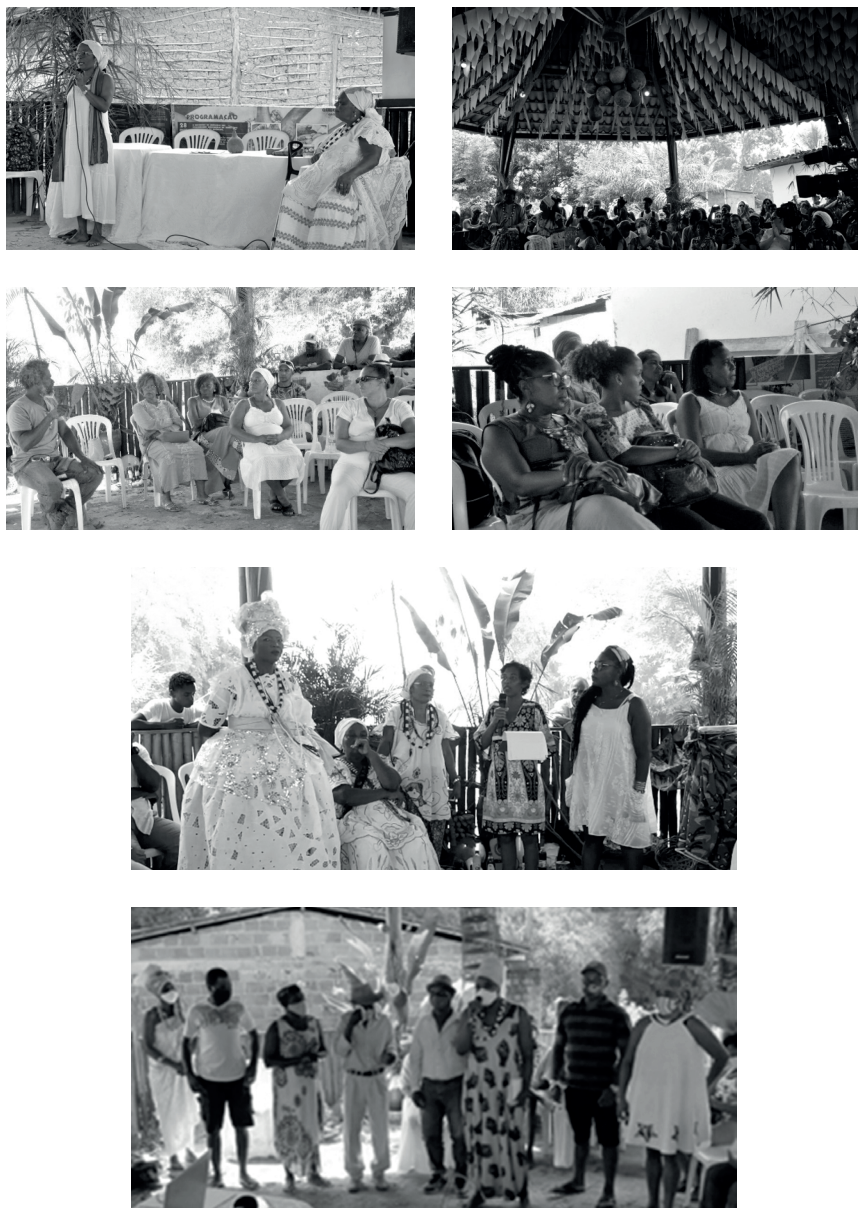
A festa apresenta como alicerce e orientação a ancestralidade e a devoção aos orixás – o pedido de agô na abertura e agradecimento da presença do Pai Xangô no encerramento. Há também uma forte implicação emocional na preparação do tradicional caruru, evento gastronômico festivo-religioso intensamente presente na região. É, assim, reconduzida à tradição religiosa de matriz afrobrasileira, em que se “dá carurus”⁷ que mobilizam importantes dinâmicas de reciprocidade, a exemplo dos dons e contradons, conforme discutido por Mauss (2018) e Sigaud (1999), ligados às ações religiosas e devocionais de cunho popular.

De maneira consistente com a proposta de elaboração de narrativas audiovisuais mediante abordagem guiada pela antropologia hermenêutica na leitura e interpretação de imagens, como proposto pelo semiólogo social e filósofo Roland Barthes (1984), lançamos o olhar sobre a festa em seus vários momentos representados em oito sequências de imagens que devem ser “lidas” e interpretadas, a exemplo das propostas de leitura e interpretação de Novaes (2014), Yacavone (2009), Scoparo (2018) e Fontonari (2016), entre outros autores que são tomados como referência no presente trabalho. Tratada desta perspectiva de abordagem, a narrativa imagética se encontra organizada em momentos articulados e complementares que constituem a festa, de forma a fazer emergir uma forma de leitura, interpretação e compreensão do contexto e seus múltiplos significados complementares.

Um dos principais pontos a destacar em nosso argumento é que a narrativa fotoetnográfica dispensa e substitui o texto escrito, dado que metonimicamente é possível tomarmos as imagens como textos - estas, as imagens, a serem lidas na forma de sequências fotoetnográficas temáticas significativas e complementares, como apresentamos a seguir.

7 Sendo o caruru uma comida devocional, na linguagem popular não se diz “fazer um caruru”, mas “dar um caruru”. Frequentemente o ato de dar um caruru se encontra relacionado a uma devoção, agradecimento por uma graça alcançada, desígnio decorrente de encontrar no seu prato um quiabo inteiro, promessa em busca de alcançar uma graça ou pagar pela graça obtida, entre outras razões.

Figuras 1 a 6 – Cerimônia de abertura do evento e apresentação final da carta: participantes e orientadora espiritual no espaço do encontro, 2021 e 2022



Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 7 a 18 – Patrimônio material quilombola: signos e sinais de pertença e “natividade”







Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 19 a 27 – Espaços e compartilhamentos no “mundo da festa”: encontro com os signos e sinais da identidade-etnicidade religiosa quilombola





Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 28 a 37 – *Performance*, musicalidade, teatralidade e corporalidade quilombola: vida, resistência, luta, morte e renascimento







Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 38 a 44 – “Comida de dendê”. Moqueca de ostras que motiva e denomina a festa.
Da cozinha à mesa: culinária, sabores, comensalidade





Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2022).

Figuras 45 a 56 – Trabalho e o lúdico que se complementam e fazem a festa







Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 57-58 – Leilão de objetos domésticos e iguarias alimentares para compor o fundo ritual da festa



Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

Figuras 59 a 62 – Apresentações musicais, danças e *performances* corporais que se seguem ao banquete quilombola



Fonte: acervo fotoetnográfico ObservaBaía (2014-2023).

CHEGANDO AO FIM DE UMA FESTA E ANTECIPANDO A PRÓXIMA FESTA?

A proposta dessa fotonarrativa é de nos permitir, por meio do olhar intencional e previamente informado, ver e compreender e interpretar, por meio das imagens, como a Festa da Ostra que tem lugar no quilombo Kaonge, expressa de forma intensa a dinâmica de vida e formas de luta identitária das comunidades quilombolas da região (Barbosa; Cunha, 2006). Da condição inicial de festival gastronômico voltado para oportunizar e exploração dos potenciais locais no ano de 2009 por meio do TBC, esse evento vem crescentemente adquirindo intenso teor político, como se pode notar em várias de suas edições, particularmente na 14^a edição que ocorreu no ano de 2022. Uma importante evidência dessa transformação encontra-se no fato de que, a partir do ano de 2015, o evento passou a ser antecedida pelo encontro

de lideranças do território do Recôncavo durante o qual se elabora a Carta Quilombola, a qual crescentemente aprofunda sua dimensão e adquire destaque na luta quilombola por seus direitos diferenciados e cidadania.

Podemos, visivelmente, constatar que a essa ocasião festiva, que desde seu início oportuniza a comercialização de produtos da economia solidária e de expressões e bens da cultura quilombola; promove atividades gastronômicas, musicais, literárias; disponibiliza oficinas de fazeres e saberes quilombolas, vem se somando às crescentes e apropriadas demandas políticas pela melhoria das condições de vida, educação, saúde e trabalho.

Adicionalmente a todas essas conquistas, é importante ainda considerar como um dos resultados mais perceptíveis a sua expressiva visibilidade regional, que a leva crescentemente a fazer parte do calendário do “turismo étnico” do Recôncavo baiano. Ao examinarmos a destacada importância que tem e é atribuída à festa, podemos afirmar que, a cada festa, antecipa-se e recria-se a próxima festa.

Não pretendo chegar a um fim, mas continuar a acompanhar as transformações e os avanços desse evento tão bem-sucedido que completará 15 anos em 2024. No ano 2023, o evento foi redenominada de Festival Cultural & Gastronômico da Ostra⁸, ao tempo em que apresentou substanciais alterações em sua programação, causando tanto reações positivas e negativas da parte de muitos de seus participantes e organizadores, que em seguida à experiência e, em seus constantes movimentos, antecipam possíveis alterações para “a próxima festa”.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Gabriel O. *Antropología visual, performances y hermenéutica: experiencia de ver, escuchar y participar en Huautla de Jimenez (Oaxaca, México)*. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 314-350, jan./jul. 2018.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. da. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

8 Ver: https://www.facebook.com/FestaOStraOficial/?locale=pt_B.

- BASSI, Francesca; TAVARES, Fátima. Preparando o banquete, sonhando a festa: memória e patrimônio nas festas quilombolas (Cachoeira-Bahia). *ACENO: revista de antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 4, n. 7, p. 15-32, 2017.
- CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. Paisagens, memória e identidade: vulnerabilidade socioambiental do patrimônio cultural quilombola. *Acesso Livre*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 41-60, 2018.
- CAROSO, Carlos; TAVARES, Fatima. Festa da Ostra: imagens de ritualização, gastronomia e etnicidade quilombola. *Revista Mundaú*, Maceió, n. 14, p. 187-208, 2023.
- FREEMAN, Michael. *A narrativa fotográfica: a arte de criar ensaios e reportagens visuais*. Porto Alegre, 2014.
- FONTANARI, Rodrigo. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. *Galáxia. Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura*, São Paulo, n. 31, p. 144-155, 2016.
- GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 125-144, jul./set. 1995.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como Paradigma Analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. *Ilha: revista de antropologia*, Florianópolis, v. 8, n. 1/2, p. 163-183, 2006.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de arte e antropologia*, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014.
- SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2012.
- SANTOS, Cléia Costa dos; JOVELINO, Rosane Viana; SILVA, Gilmar Bittencourt Santos. Conselho Quilombola e sua função deliberativa no planejamento do estado: o caso da Bacia e do Vale do Iguaçu. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 28, n. 2, p. 178-195, 2018.
- SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do ensaio sobre o dom. *Mana*, Rio de Janeiro v. 5, p. 89-123, 1999.
- SCOPARO, Tania R. M. Toledo. Texto verbal e imagético: uma proposta semiótica de ensino. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, ES, v. 12, n. 23, p. 129-151, 2018.

TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos. Contracolonialismo, etnopolítica e políticas públicas: cartas e etnogovernança quilombola. *Revista Antropolítica*, Niterói, v. 55, n. 3, p. 1-26, set./dez. 2023.

TAVARES, Fátima et al. *Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos*. Salvador: Edufba, 2019a.

TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos; PENAFORTE, Thais. *Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2019b.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

YACAVONE, Kathrin. Reading through Photography: Roland Barthes's Last Seminar "Proust et la photographie". *French Forum*, Philadelphia, v. 34, n. 1, p. 97-112, Winter 2009.